RECENSÕES

origenes, Tomo I. Madrid, Ediciones Istmo, 1976, 776 p., il.

Toda esta obra está planejada em três tomos, dos quais já saiu o primeiro, dividido em dois livros. O primeiro livro, sob o título: *Orígenes*, trata da primeira etapa das culturas americanas, ou seja, a dos caçadores e coletores nômades e da sua segunda etapa, os cultivadores das florestas tropicais. O segundo livro, sob o título: *Las culturas medias*, trata da terceira etapa cultural, ou seja, a das culturas formativas.

Um dos aspectos mais importantes da referida obra, é o método usado para reconstruir as culturas americanas já desaparecidas. A pré-história da América foi reconstruída inteiramente a partir dos mitos. O autor indica o valor histórico dos acontecimentos narrados como mitos no Popol-Vuh, o livro sagrado dos maias, o qual é por ele encarado como uma fonte da pré-história americana.

Existem comumente diversas posições em relação ao estudo dos mitos. Para os materialistas, os mitos teriam sido inteiramente inventados e serviriam para justificar um determinado tipo de organização social vigente na época. Para os psicólogos da escola freudiana, os mitos representariam os temores e anseios, na maior parte das vezes ocultos, da humanidade. Para os da escola junguiana, a existência de mitos semelhantes em todo o mundo seria causada pela semelhança psíquica básica dos seres humanos.

No século III a.C., Evhemero aventou a idéia que os deuses das mitologias mediterrânicas teriam vivido realmente; teriam sido governantes, heróis e sábios, divinizados pelos povos.

Modernamente o valor histórico dos mitos de vários povos vem sendo demonstrado por vários autores: R. Graves, na mitologia grega (1959), A. Cardich, na interpretação da pré-história andina formulada por Gaumán Poma de Ayala na sua *Primer Crónica* y *Buen Gobierno*, usando os mitos indígenas peruanos a respeito das quatro idades, e agora R. Girard com os mitos maias reunidos no Popol-Vuh.

Girard adota uma posição que poderia de certa forma ser classificada de evemerista. Os mitos teriam sido realidade, representariam uma realidade que teria ocorrido em um tempo passado, mas uma realidade cultural, não histórica. Os mitos descreveriam, de forma condensada, acontecimentos passados, não fatos históricos, mas aspectos de um tipo determinado de vida e etapas de um processo cultural.

Uma das conclusões mais interessantes desta interpretação é a de que os povos da América teriam, através dos seus mitos, conhecimentos mais completos da sua própria pré-história do que os povos do Velho Mundo. Os especialistas religiosos maias, peruanos e mexicanos teriam transmitido, de forma oral, de geração a geração, as lembranças que conservavam das suas origens e do seu passado cultural. Em comparação, relembramos como na Europa da segunda metade do seculo XIX, os iniciadores da arqueologia pré-histórica foram combatidos, tendo que ser defendidos apologeticamente na obra clássica de J. Lubbock (1865).

O método utilizado por R. Girard é basicamente histórico, dando grande importância à difusão continental dos elementos culturais e registrando a sua mudança evolutiva,

mas usa principalmente os estudos comparados da mitologia com a etnografia, recorrendo também a diversas outras disciplinas, usando dados da arqueologia, da paleobotânica e da lingüística. Desta maneira efetua uma análise transcultural, comparando os dados da mitologia com os da etnografia.

O autor relaciona os ciclos ou idades da mitologia com os horizontes culturais arqueológicos e com as fases ou etapas evolutivas da história cultural das Américas. Na primeira idade dos mitos, se recorda uma época em que ainda não se cultivava a terra e se vivia da caça e coletas, sem cerâmica, usando somente instrumentos de pedra.

Na seguinte idade mítica, a segunda, são domesticadas as plantas e surge a horticultura. Para o autor, o cultivo das plantas é uma criação autóctone na América e teria se originado no ambiente da floresta tropical: "De esto se concluye que la agricultura del Nuevo Mundo es una reación autóctona que se originó en um medio selvático tropical" (p. 190). Neste ponto estando de acordo com D. W. Lathrap (1970) de que a floresta tropical é um meio com mais probabilidade de sugerir a domesticação das plantas e o seu uso na alimentação do que os ambientes desérticos.

O autor indica a correlação que existe entre todas as culturas americanas que praticaram conjuntamente o cultivo da mandioca e a antropofagia ritual, demonstrando o nexo genético existente entre elas. Os cultivadores da floresta tropical da América do Sul, que ele descreve como as culturas dos plantadores antropófagos, representariam uma forma de vida muito mais antiga. Na realidade, constituiriam testemunhos etnográficos de uma cultura de plantadores de mandioca, cujo início teria se dado na área maia, de onde se difundiu pelas Américas. O texto do Popol Vuh chegado até nós, descreveria acontecimentos de uma época em que os habitantes da área maia viviam num nível cultural semelhante ao dos plantadores antropófagos ou cultivadores da floresta tropical da época das Descobertas, exemplificados pelos Tupinanbá e Caribe.

Esta comprovação tem uma importância muito grande no que respeita às tentativas de interpretar as culturas dos cultivadores da floresta tropical e reconstruir a sua pré-história.

Desde E. Nordenskiold e A. Metraux têm sido feitas cogitações a respeito da origem destas culturas da floresta tropical, como a dos tupi-guaranis; problema a que R. Girard chama de "el nudo gordiano de la antropología americana" (p. 30). Inicialmente se tentou resolver este problema pela análise da distribuição espacial dos traços culturais mais característicos, como o fizeram Nordenskiold e Metraux; mas como estes traços culturais eram obtidos quase que unicamente de culturas etnográficas, sua concentração espacial no momento presente não coincidiria obrigatoriamente com o locus da sua origem. Portanto, se buscou recurso na arqueologia. Porém as culturas da floresta tropical, devido ao meio-ambiente em que se desenvolveram, utilizaram principalmente materiais perecíveis, como madeira, fibras, plumas etc., e os magros restos arqueológicos deixados por eles são ainda prejudicados pelas péssimas condições de conservação dos trópicos úmidos. Desta maneira, se os artefatos e demais evidências recuperados, podem nos informar a respeito de alguns aspectos da cultura, principalmente das técnicas de subsistência, não poderíamos através deles recriar a maneira de pensar dos que os produziram e utilizaram.

Recensões

Agora, R. Girard, indicando o valor histórico dos mitos no sentido de recriar as realidades culturais vigentes, vem fornecer a carne viva com que preencher o seco esqueleto da arqueologia e no seu livro vemos os antepassados comuns de maias e tupi-guaranis, ressuscitados, movendo-se, atuando, pensando e agindo, cultuando os seus deuses, explicando o seu universo e organizando a sua sociedade.

José Proenza Brochado